



Entrevista

Dirceu Rodrigues Alves, Diretor do Departamento de Medicina de Tráfego Ocupacional da Abramet

Dirceu Rodrigues Alves - “Falamos em doença epidêmica porque ocorreram no Brasil, em 2012, 60 mil óbitos e 350 mil sequelados por acidentes de trânsito. Em 2010, na cidade de São Paulo, foram registrados 10 mil óbitos em decorrência de doenças produzidas pela poluição ambiental”.

Em entrevista concedida à Agência ABCR, o diretor de Comunicação e do Departamento de Medicina de Tráfego Ocupacional da Abramet, Dirceu Rodrigues Alves, avalia os principais fatores de risco presentes no trânsito e nos meios de transporte.

Agência ABCR: O senhor considera o atual panorama do trânsito nacional uma “epidemia”. Por qual motivo?

Sim, considero uma doença epidêmica negligenciada pelas autoridades. Os motivos são múltiplos, pelos fatores de risco presentes no trânsito e nos meios de transporte, que são capazes de produzir doenças psicológicas, cardiopulmonares, osteoneuromusculares, perda auditiva que pode chegar à surdez, agravar doenças psiquiátricas, além de provocar acidentes de trânsito.

Falamos em doença epidêmica porque ocorreram no Brasil, em 2012, 60 mil óbitos e 350 mil pessoas sequeladas por acidentes de trânsito. Em 2010, na cidade de São Paulo, foram registrados 10 mil óbitos em decorrência de doenças produzidas pela poluição ambiental. Para conter a epidemia da dengue, o Ministério da Saúde atua em todo país com equipes treinadas para o combate à larva do mosquito, indo de casa em casa, de caixa d'água em caixa d'água. Não temos esse tipo de iniciativa para o trânsito.

A doença prevalece no trânsito e se expande cada vez mais em função da falta de prevenção. As estatísticas comprovam a negligência em relação ao trânsito. Em 22 anos de combate à dengue, de 1990 a 2012, tivemos apenas 6.337 óbitos. Em 14 anos, de 1998 a 2012, morreram no trânsito 518 mil indivíduos. Isso comprova, de maneira incontestável, que o governo transita na contramão das nossas necessidades.

Agência ABCR: Qual seria a principal solução para a resolução desse problema?

Ações multidisciplinares. Começando pela educação de trânsito prevista no Código de Trânsito Brasileiro, fazendo a criança e o adolescente chegarem aos 18 anos conscientes em relação à mobilidade urbana. Além disso, seria importante que os cursos de formação de condutores aprofundassem o conhecimento, por meio do uso de simuladores de direção veicular, permitindo a prática em situações adversas encontradas no dia a dia do trânsito, seja área urbana, rodovia, chuva, neblina, de dia, à noite, entre outras. Somado a tudo isso, fiscalização e punição severas.

Creio ainda que os ministérios precisam se integrar, como também prevê o Código de Trânsito Brasileiro, com objetivo de criar uma força tarefa para atingir o objetivo proposto pela Organização das Nações Unidas de reduzir em 50% o número de óbitos no trânsito.

Agência ABCR: Como avalia as atuais práticas de fiscalização e punição para os crimes cometidos no trânsito?

Lesionar e matar são crimes. Mudanças radicais por conta do Ministério da Justiça e legisladores têm que aflorar, trazendo para nossa realidade atos que responsabilizem o pedestre, o motorista, o ciclista, o motociclista, o caminhoneiro, entre outros. No trânsito a arma é a máquina e como tal o responsável deve ser punido severamente. Temos que deixar de lado o crime culposos (sem a intenção de matar), pois quem tem uma arma na mão - o veículo - pode matar.

Nos órgãos de fiscalização não existem recursos humanos compatíveis com a necessidade de fiscalização. Como consequência, predominam os registros dos equipamentos eletrônicos, que documentam apenas o excesso de

velocidade. Além disso, álcool, drogas, fadiga, sono, desatenções por uso de tecnologia introduzida no veículo precisam ser documentados por fiscalização eficiente. No curto prazo, fiscalização e punição severas serão necessidades imediatas.

Agência ABCR: Em relação à educação para o trânsito, o senhor defende que o assunto seja inserido desde a pré-escola, bem como seja abordado dentro de disciplinas como Física, Química e Biologia. O que é preciso para colocar tal proposta em prática?

O que é necessário é apenas o poder político. Ninguém ignora que precisamos mudar a cultura da população com relação à mobilidade. O veículo foi feito dentro de parâmetros que envolvem principalmente física, química e a condição ergonômica. Por que não dar conhecimento técnico a quem vai dirigir ou transitar como pedestre? Com o implante dessa condição não tenho dúvida que teremos mudança radical em nossa mobilidade.

Agência ABCR: Como o senhor avalia hoje os cursos de formação de condutores? Acredita que é possível implementar melhorias? Quais?

Julgo que são de baixa qualidade. Vejo que os Centros de Formação de Condutores ensinam apenas fazer o carro andar, sem fazer com que os alunos conheçam as adversidades que serão encontradas. Além da ampliação de estudos teóricos e práticos, devem ser programadas melhorias como a introdução de simuladores de direção veicular e a possibilidade de colocar em prática, em pista própria, tudo aquilo que foi treinado no simulador. É absurdo sabermos que o motociclista treina e faz sua prova prática em circuito fechado, usando apenas a primeira marcha e mantendo-se em equilíbrio, para receber a Carteira Nacional de Habilitação.

Agência ABCR: O senhor mencionou em artigo que o Brasil é um dos cinco maiores emissores de material particulado do mundo. Acredita que o trânsito seja um dos principais poluentes?

Não tenho dúvida. A indústria do transporte é a que mais compromete o meio ambiente e a saúde, com ruído que ultrapassa os limites toleráveis, gases, vapores, poeiras e fuligem. É também responsável pelo efeito estufa, aquecimento global e chuva ácida.

Agência ABCR: A emissão de poluentes atmosféricos gerados pelo trânsito são apontados como responsáveis por causar danos à saúde? O que os estudos feitos até agora apresentam sobre o assunto?

Estudos do Hospital das Clínicas de São Paulo mostram que cerca de 10 mil indivíduos morrem por ano na cidade de São Paulo devido à poluição ambiental. Rinites, traqueítes, bronquites, doença pulmonar obstrutiva crônica são comuns. Respirar o ar de São Paulo é como fumar. O que é inalado, como no cigarro, cai na circulação e percorre os diversos órgãos e tecidos podendo causar doenças neoplásicas (câncer) e queda da imunidade, deixando o indivíduo susceptível a doenças infecciosas e muitas outras patologias.

Carregando

